

EM BUSCA DE SENTIDOS

MATERIAL EDUCATIVO

**INDIVISÍVEL
SUBSTÂNCIA**

**MARTINHO DE HARO e
FLORIANÓPOLIS**



CENTRO DE ARTE E EDUCAÇÃO

APRESENTAÇÃO

Professores,

O material educativo “Em Busca de Sentidos” propõe um passeio pela cidade que tanto Martinho de Haro (1907-1985) representa em suas pinturas e desenhos. Com os seus estudantes, a ideia é percorrer uma Florianópolis cuja existência se dá somente através de lembranças ou nos resquícios de alguns casarios que ainda sobrevivem perdidos em meio a prédios espelhados e fios elétricos. Não somente as paisagens urbanas são abordadas nesse grande mapa inventado, mas também as festas populares e a culinária com seus elementos típicos de um pedaço de terra que a cada dia avança para o mar com os aterros.

Como uma cidade, esse material não se constitui de um único caminho a ser desbravado, pode-se alinhar outras ruas e paisagens, ao ritmo das memórias pessoais e as da geografia urbana. A partir de aproximações com artistas contemporâneos que intervêm no caos urbanístico, é possível desconstruir e reconstruir esse diário de bordo único em sala de aula, inserir elementos nas arquiteturas ou classificá-las através de desenhos e fotografias, atendendo ao desejo de salvaguardar espaços que provavelmente logo sumirão.

O percurso pode começar, quem sabe, no Hospital Imperial de Caridade, seguir pelas ruas de calçamento com paralelepípedos até chegar ao Cais do Miramar e deparar-se com as festas populares. O mar abraça o Mercado Público, onde chamam a atenção os peixes fresquinhos e as vasilhas de cerâmica trazidas pelos pescadores de outras freguesias. Talvez, seja possível o reconhecimento do Cais Frederico Rolla, parar no que hoje em dia é um estacionamento

e observar o grande casario cor de rosa. Se não cansarem, chegarão ao Cais Rita Maria e acharão estranha a existência de uma pequena ilha, onde ela se encontraria hoje?

Esse material pode ser usado de diversas formas e reconfigurado em outros trajetos e sentidos dentro dessa cidade. Em complemento, criamos um mapa virtual contendo imagens da antiga Florianópolis com algumas composições de Martinho de Haro, que pode ser acessado on-line¹. Um lugar que soa estranho e do qual muitas pessoas, principalmente seus estudantes, não conheceram e, talvez nem reconheçam. Com as principais localizações marcadas com base nas pinturas presentes na exposição “Indivisível Substância: Martinho de Haro e Florianópolis”, é uma proposta a mais para facilitar e recriar um roteiro por esses espaços, assim como aumentar o repertório de ideias e leituras em torno das descobertas de uma caminhada imagética.

1. Acesse em: <https://linktr.ee/indivisivelsubstancia>



M. S.
MILCO
1965

Hospital de Caridade, 1968

MARTINHO DE HARO

Óleo sobre eucatex

54,5 x 88 cm

Se alguém pedisse para descrever, com o máximo de detalhes possíveis, como é a cidade que você mora, como faria?

Pode ser sobre aquele local que mais gosta e que apresenta para os visitantes ou, ainda, sobre o lugar mais característico dela. Recrie essas localizações a partir de fotografias de outras pessoas, com imagens encontradas em revistas, recortes e notícias. Coloque todos os elementos que achar necessário, como aquela casa estranha, o prédio em construção, a árvore florida atrás do poste ou o pôr do sol entre as duas pedras no fim de sua rua. Adicione todos os detalhes que lembram sua relação com o espaço urbano, esses são alguns exemplos que você poderia utilizar.

Outra sugestão é que essas fotografias utilizadas, sejam de autoria dos estudantes e, se possível, tiradas em dias e horários diferentes, contendo os elementos característicos do lugar. Elas podem ser feitas da janela da escola, da vista que têm de casa ou do caminho que percorrem todos os dias. Assim, no fim da atividade, teriam uma paisagem formada por uma coletânea de momentos significativos e afetivos.¹

A partir deste exercício, olhem para a pintura do artista catarinense Martinho de Haro buscando pistas e detalhes significativos. O recorte da paisagem apresentada por ele é uma das vistas mais comuns da cidade de Nossa Senhora de Desterro, atual Florianópolis, também contemplada por outros pintores e desenhistas que por aqui passaram, como o alemão Bruggemann (1825-1894) e o catarinense

1 - Sugestão para realizarem a colagem: caso não tenham recursos para imprimir as fotografias, sugiram a seus estudantes utilizar o aplicativo Canva, gratuito e de fácil acesso pelo celular ou computador. Pode-se trabalhar com diversos recursos, como bancos de imagens, inserir textos e adicionar movimento na paisagem. Outra forma seria garimpar imagens de revistas que mais se aproximem do que eles querem evidenciar nessa montagem.

Eduardo Dias (1872-1945). A exposição “Mais Humano: Arte no Brasil de 1850-1930”, realizada no Instituto Collaço Paulo entre julho de 2022 e fevereiro de 2023, inclui a pintura “Vista de Desterro”, produzida em torno de 1860 pelo artista alemão e é a representação de um recorte semelhante, porém, a partir de outro ponto de vista.

Onde será que o artista está localizado enquanto pinta essa paisagem? Quais são os indícios que sugerem a escolha? Ele estaria ao ar livre? Ou pintando a partir de pequenas anotações que realizou em seu caderno como fazem muitos pintores?

Uma atividade interessante para ser realizada em sala de aula é descrever essas vistas e trajetos feitos por um colega, sem a identificação do local. Logo após, trocarem entre si as anotações e realizarem uma colagem, semelhante ao exercício anterior, porém tentando criar imageticamente o relato. Se a turma for pequena, os escritos poderiam passar por todos, quantas imagens diferentes existiriam de um mesmo espaço?

Pouco antes de morar em Florianópolis, Martinho de Haro passa por uma breve temporada na cidade de Paris como bolsista da Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro para se aperfeiçoar na técnica de pintura, com a qual conquista o grande prêmio Viagem ao Exterior, que concede uma bolsa em 1937, porém Martinho embarca só em 1938. Seus estudos na *Académie de la Grande Chaumière* são interrompidos devido à Segunda Guerra Mundial. Na década de 1940, fixa-se em definitivo em Florianópolis que retratará de forma incessante em suas telas, sempre evidenciando os barcos no cais, os casarios à beira-mar, os céus em constante movimento. Com pinceladas inacabadas e vigorosas, o artista fala de uma cidade que deve ser rememorada através de sua pintura.

Olhando novamente essa cena, Martinho de Haro traz uma imagem bem clara, com muito movimento nas pinceladas, como se observa nos elementos da natureza como o mar e o céu. Uma leve brisa vem do oceano, como naqueles dias de verão quando se caminha pela praia. Hoje, essa paisagem é completamente diferente, talvez, os únicos

elementos sobreviventes sejam aquelas construções no alto do morro em que já foram agregados outros componentes em sua arquitetura. Você saberia identificá-los? Nesse conjunto, encontram-se umas das primeiras edificações voltadas para a saúde, o primeiro hospital de Santa Catarina, o Imperial Hospital de Caridade, fundado em 1789 ao lado da Capela Menino Deus, de 1762. Atrás deles, encontra-se o Cemitério Imperial de Caridade.

O que mais chama a atenção nessa vista da cidade? Quais outros elementos são encontrados na pintura? Há indícios da existência humana?

Retomando o exercício inicial, sugiram a seus estudantes olharem também as obras de Mário Rubinski (1933–2021), artista brasileiro que imagina urbes com formas mais sintéticas e desprovidas da presença humana. As pinturas de Martinho de Haro direcionam o olhar para um lugar que está desaparecendo e, poeticamente, pode-se

pensar sobre as impermanências das construções e suas diferentes repetições dentro da paisagem.

Ao juntar todas as imagens produzidas por seus estudantes nos exercícios anteriores, sobre o que poderia ser falado? Seria possível colocá-las uma ao lado da outra com o objetivo de formar um grande panorama de uma cidade imaginária? Convidem os estudantes a fazerem um estudo desse lugar inventado. Um trabalho em conjunto de quebra-cabeça no qual precisam pensar sobre cada junção e interlocução do espaço a ser construído. Além de observar e analisar as faltas, como uma ponte para ligar um ponto ao outro, por exemplo.

Para pesquisa:

<http://institutocollacopaulo.com.br/pintura-por-excelencia/>

<https://www.tourvirtual360.com.br/mon/m%c3%a1rio-rubinski.html>

<https://www.escritoriodearte.com/artista/mario-rubinski>

<https://www.infoescola.com/artes/colagem/>



Miramar e Castelinho, 1975-80

MARTINHO DE HARO

Óleo sobre compensado

30 x 68 cm

Sobre a sensação que uma pintura pode transmitir, como você descreveria essa tela de Martinho de Haro? E essa charrete, de que época seria? Elas ainda existem atualmente? O que substitui esse meio de transporte? Quais outros elementos parecem estranhos e desconexos na paisagem? O artista deu alguma pista da localização?

Diante dessa pintura de paisagem, Martinho de Haro consegue levar o espectador até aquele lugar representado, através de uma atmosfera idílica, noturna de um céu azul crepuscular que o transporta a um passado distante. O mar límpido e calmo reflete como um espelho a construção que avança pela água, assim como as nuvens brancas

contornadas de azul marinho que se dissolvem no céu escuro. A fumaça do barco movido a carvão se torna um rastro na paisagem.

Martinho tem uma predileção por alguns pontos da cidade que escolhe morar, esse recorte é um deles. O pintor insere indícios possíveis de serem encontrados hoje em Florianópolis, como as ruas de paralelepípedos no lado leste, esse castelinho esquecido próximo a um terminal de ônibus e um prédio branco que remete à Casa da Alfândega. No entanto, a grande maioria dessas edificações sofreram alterações e pouco lembram sua originalidade.

O artista transporta o observador para essa região da cidade, que permite contemplar o lado oeste da Ilha, onde o sol se põe. Através de sua paleta de cores, Martinho capta ao máximo os tons possíveis e a luminosidade observada pelos moradores em um dia quente de verão, com pinturas capazes de suspender as paisagens arquitetônicas entre as movimentações de céus e mares.

Que tal catalogar o céu? Proponham aos estudantes fotografarem e registrarem pela escrita algum pedaço do céu ou uma nuvem que chama a atenção. Martinho de Haro sempre põe muito movimento e destaque para esses elementos em suas pinturas. Sugiram, ainda, a escolha por um mesmo recorte, uma mesma localização, por exemplo a terceira janela da sala de aula no canto esquerdo, assim, será possível trabalhar diferenças nas repetições e observar pequenas sutilezas da atmosfera que permeiam a obra do artista. Utilizem meios diferentes para o projeto final que poderia ser um livro virtual.

Olhem para outros artistas, como o contemporâneo Eduardo Coimbra, que realiza trabalhos com essa temática, desde vídeos até instalações com lâmpadas que mimetizam um céu com nuvens, sempre comparando paisagens construídas ou pontos de vistas deslocados. Explore as obras “Horizontes” (2000-2001), em que ele entrelaça céu e terra em uma paisagem, ou “Paisagem” (2000) em que se contrapõe à

obra de Martinho de Haro. Enquanto o catarinense coloca a cidade em suspensão entre um céu e um mar turbulento, Coimbra propõe um céu estático em meio as paisagens em movimento.

De volta à pintura, um detalhe interessante a ser observado é a ausência de portas e janelas, que apenas são sugeridas em uma ou outra construção. É no mínimo curioso, não acha? O artista se detém nas principais linhas que identificam cada construção que ele pensa ser essencial para a localização. Em certos momentos, pode-se pensar que a pintura está inacabada, mas, ao olhar com atenção, percebem-se as características arquitetônicas para o reconhecimento desse local.

Ao centro da tela, localiza-se o famoso Miramar, bar localizado em cima de um trapiche, lugar importante para a sociedade florianopolitana da década de 1920 e dos anos seguintes, sendo um ponto de circulação e encontro da elite local. Hoje, o que se encontra nesse espaço, é o Memorial do Trapiche, com a simulação de sua localização em frente à praça Fernando Machado. Com o passar do tempo, as cidades sofrem

transformações em decorrência das dinâmicas sociais, comerciais e culturais.

Outro elemento que se mantém nessa localização é a antiga Estação de Elevação das Águas ou o Castelinho. Essa estrutura integra o primeiro sistema de saneamento da cidade, implementado na década de 1910. O pintor realiza enfoques cinematográficos nas arquiteturas tanto portuguesas, como no Cais Frederico Rolla, aqui já mencionado, ou no Castelinho, inspirado na arquitetura de países islâmicos difundida no final do século 18 pela Europa.

Esse tipo de construção aparece em Florianópolis só em três prédios, você saberia apontar onde estão os outros? Eles ainda existem? No que eles se tornaram?

Pode-se dizer que a paisagem aqui representada não é exatamente a mesma de hoje, porém, através dela, sabe-se um pouco sobre o passado da cidade.

Quais são os espaços de seu bairro que estão se modificando? Novos lugares estão surgindo? No que as antigas construções se transformaram? O que existe e está esquecido?

Contrapondo-se ao exercício anterior, o de olhar o céu, que tal agora ocupar a cidade? E se for mais tangível, ocupar o espaço do pátio da escola? Proponham a seus estudantes que durante o trajeto entre a escola e a casa, identifiquem construções antigas ou que estão abandonadas. Orientem eles a observarem as ausências surgidas no percurso, como um parque ou um supermercado. A partir disso, mostrem a importância de se olhar para esses lugares pensando nos efeitos e em suas transformações.

Para prosseguir com a atividade, mostrem os trabalhos do coletivo de artistas E/Ou, condutores do projeto (Re) Cartógrafos (2008), que consiste em mapear alguns locais em um grande mapa colocado num ponto de grande movimentação de Curitiba (PR). A tarefa não cabe aos artistas, aos geógrafos ou urbanistas, mas sim, às pessoas que circulam no espaço,

elas têm a tarefa de acrescentar informações, desde o local de suas moradias, os pontos de ônibus até comunidades que não existem para o poder público. A proposta é a construção de um mapa coletivo e afetivo.

Para além de descobrir os lugares pintados por Martinho de Haro, que tal sugerirem que a comunidade escolar intervenha num grande mapa? Seria um projeto grande, mas poderia começar com um pequeno mapa do entorno e, ao longo do ano, poderia crescer com as anotações de novos espaços e caminhos percorridos.

Para pesquisa:

<http://www.eduardocoimbra.com.br>

<http://eou.arquiagem.net/impressos.html>



Bloco Unidos do Mocotó, c.1975

MARTINHO DE HARO

Óleo sobre eucatex

62,2 x 117 cm

Observem essa pintura como se fosse uma fotografia. Sabe quando você está em um lugar cheio de gente e o fotógrafo quer documentar aquela cena a todo custo? Ele solicita que todos se juntem, o que acaba deixando o registro com uma sensação de aperto, assim como a tela do artista Martinho de Haro. Nessa imagem, há a representação de uma cena da cultura popular brasileira com muitos elementos característicos de Florianópolis. Convidem seus estudantes a estabelecerem aproximações com outros pintores, desenhistas e até mesmo escultores que trabalhem com essa temática como, por exemplo, a artista Djanira (1914-1979) com suas pinturas coloridas das festas, utilizando um enquadramento muito próximo ao de Martinho e, propondo-se a pintar elementos que pertencem ao patrimônio imaterial brasileiro.

Nesse momento, professores, perguntem a seus estudantes o que seria cultura. O que diferenciaria a arte de Martinho de Haro de uma manifestação cultural? Determinem a formação de dois grandes grupos e, para cada um deles, proponha a busca pelo significado de cultura e arte e, em conjunto, estabeleçam as diferenças e aproximações.

Compreender esses conceitos é importante para entender trabalhos de muitos criadores que adotam esses temas em suas pinturas e desenhos. Diferente de artistas como Martinho e Djanira, os artesãos trabalham com os elementos culturais, confeccionando peças decorativas e com caráter utilitário. De modo geral, a cultura é uma manifestação social em torno da culinária, das danças, dos ritos religiosos, do idioma e suas diferenças regionais, ou seja, aspectos cotidianos que geram um sentimento de pertencimento enquanto sociedade. Ao incorporar elementos culturais e elevar a um outro patamar que não o da utilidade, como ocorre com o artesanato, a arte

acaba alcançando o nível da apreciação e do intangível que toca o ser humano.

Na pintura do artista catarinense, é possível perceber que, mesmo com o céu carregado pelas nuvens indicando uma possível chuva, as pessoas estão ocupando esse espaço urbano, reunidas em trajes carnavalescos e outras vestimentas. Lá no canto direito, quase imperceptível, o vislumbre de um navio muito semelhante ao da tela “Miramar e Castelinho”, presente neste material. Por que será que o artista coloca o barco? Seria um indício da localização dessa festa? Sabe-se que aconteciam nessa região, como ocorrem até hoje, nos arredores do Miramar, da praça 15 de novembro e da Catedral Metropolitana, pontos de convergências de todas as reuniões festivas, de blocos de carnavais a manifestações religiosas.

Em uma única tela, o artista representa o carnaval e o folguedo de boi de mamão, ambos com características de eventos de rua, com sua origem na cultura africana e realizados em períodos diferentes

do ano. Enquanto o carnaval é em fevereiro ou março, dependendo da contagem para a quaresma, o boi de mamão é em junho. Um detalhe importante para contar, é que o boi de mamão, desde 2009, é considerado Patrimônio Cultural Imaterial da cidade de Florianópolis, já o carnaval, desde 2020, é Patrimônio Imaterial do Brasil.

Martinho apresenta os elementos principais de cada festa, como a bernunça, o boi de mamão, o diabo, o coveiro, os foliões, a porta bandeira e os músicos. Outro ponto a ser observado é a faixa localizada ao fundo desse grupo festeiro, na qual é possível identificar as palavras “unidos” e “Mocotó”, muito provavelmente uma alusão ao Unidos do Mocotó, bloco tradicional do bairro da região central de Florianópolis e, também, localização da primeira escola de samba da cidade, a Protegidos da Princesa.

Você saberia identificar os personagens e a manifestação cultural a qual pertencem? Que tipo de roupas eles estão

**vestindo? O que carregam nas mãos? Será que cantam algo?
O que estariam cantando?**

Que tal realizarem uma pesquisa de enredos carnavalescos dos grupos de Florianópolis? A partir dessas músicas, é possível elencar temas a serem trabalhados em sala de aula, desde cultura, personagens e eventos históricos, coreografias, vestimentas e economia. Poderiam dividir a turma em grupos e, cada um, responsabilizar-se por uma escola de samba, por exemplo. Ou poderiam eleger uma escola de samba e, a partir dela investigar sobre sua história, quem são as pessoas que asseguram as festas, como fazem os adereços, a construção de um carro.

Originado no período colonial do Brasil, o carnaval inicialmente conhecido como entrudo, uma brincadeira de proveniência portuguesa em que as pessoas saem pelas ruas jogando alimentos e outras coisas

umas nas outras, porém foi proibida em 1841. Hoje, em algumas cidades do nordeste, ainda existe essa festa bem tradicional, conhecida como mela-mela. De certa forma, o entrudo origina as festas em clubes fechados, onde a serpentina e os confetes tomaram o lugar de farinhas e ovos. Já o folguedo, envolve música, dança, teatro e personagens do folclore dos povos indígenas, africanos e portugueses. No caso da tela representada por Martinho de Haro é o boi de mamão, originalmente conhecido como bumba meu boi com origem no norte e nordeste do Brasil, por volta do século 18.

Muitas manifestações culturais do passado, ao longo do tempo vão se modificando e se reatualizando de acordo com a época, com o avanço de tecnologias e do próprio pensamento. Antes do samba como se conhece hoje, cantava-se o jongo; o entrudo transmutado em festas de clubes; o boi de mamão que, no caso de Florianópolis, acrescenta-se as figuras de bruxas de Franklin Cascaes (1908-1983); o cacumbi, manifestação que deu origem aos cordões de pessoas no carnaval.

Uma proposta é procurar estabelecer essas diferenças entre as culturas regionais brasileiras. Mas, hoje, quais outras manifestações culturais seus estudantes poderiam elencar? Proponham que eles tragam referências contemporâneas, como o funk, o rap e o passinho. Qual a história desses movimentos? Onde ocorrem na cidade? Quem frequenta? Quais são as vestimentas? Sugira uma apresentação, como um pequeno festival no qual eles podem se envolver desde a confecção de uma programação, coreografias, escolha de música, cenografia, etc.

Para pesquisa:

<https://brasilecola.uol.com.br/carnaval/historia-do-carnaval-no-brasil.htm>

<https://www.infoescola.com/folclore/folguedos/>

<https://brasilecola.uol.com.br/folclore/bumbameuboi.htm>



Mercado Público, 1970-75

MARTINHO DE HARO

Óleo sobre eucatex

43 x 80 cm

Imagine-se um passageiro de um barco a carvão em direção, pela primeira vez, ao local de destino, a Ilha de Nossa Senhora de Desterro, atual Florianópolis. O mar esverdeado com ondas bem expressivas balança a embarcação de um lado para o outro. Ao que tudo indica, logo cairá uma chuva bem típica de verão e, por sorte, já se avista uma grande construção, indicando a proximidade da chegada. Agora, paralise esse instante, minutos antes de atracar no cais, e observe atentamente a paisagem diante de você.

Professores, que tal identificarem a figura central da imagem? Para o que ela serve? Onde está localizada? Ela ainda existe no mesmo lugar? Peçam aos estudantes para elencarem os motivos que tornam essa construção importante para a cidade. Qual a relevância de sua proximidade com o mar?

Um tanto estranha hoje, a imagem do Mercado Público de Florianópolis, margeado pelas águas oceânicas, afinal o cenário urbano daquela época é bem diferente do atual, algo que diz muito sobre as impermanências do centro histórico desta cidade e, talvez, de qualquer outra no mundo. O mercado cumpre com as necessidades econômicas da Ilha e do Continente, pois a localização estratégica atende as dinâmicas comerciais necessárias aos pescadores, oleiros, agricultores e outros profissionais em busca do encontro diário com os moradores do lugar.

As condições de trabalho e de higiene bem precárias do prédio, localizado anteriormente em frente à praça 15 de Novembro, impulsiona a mudança de endereço. Outro motivo está associado à vinda do imperador dom Pedro 2º que, em 1845, mobiliza uma nova construção no largo da Alfândega, ficando pronto só em 1851.

**Mas será que na construção original ele era desse jeito?
Busquem fotografias da época, é uma ótima atividade para
ensinar pesquisa para seus estudantes.**

Proponham a eles contarem sobre a atmosfera representada na imagem. Sugiram o uso de adjetivos relacionados às sensações que poderiam descrever os elementos presentes na obra, como por exemplo: calma e vazio, quais outros poderiam ser elencados? Outra proposição, seria descreverem essa cena, desde os elementos que a compõem até as cores empregadas na imagem. O que indicaria movimento e o que estaria estático nessa pintura?

Sabe-se que a Ilha é marcada pela constante presença do vento sul com sua atmosfera carregada e, na pintura de Martinho, não é diferente, com nuvens contidas em seus traços bem delimitados e, outras, com pinceladas disformes e inquietas, revela toda a potência de um temporal sobre a Ilha nessa paisagem suspensa no tempo. O artista mostra uma região desabitada, o que leva a deduzir que, talvez, essa tela carregue o desejo de eternizar a memória de uma construção arquitetônica importante para a cidade

Algumas obras permitem a experimentação além da visão. Através do uso de outros sentidos, como o tato ou olfato, o artista expande a relação da obra com o observador que deixa de ser passivo para atuar de modo ativo. Se houver espaço e viabilidade, experimentem alguns sentidos, como o vento do ventilador da sala de aula; caminhar descalço pelo pátio da escola nas partes gramadas, com pedras ou cimento; tocar no muro da escola e sentir texturas; identificar os cheiros e barulhos encontrados nesse entorno, sempre buscando perceber quais sentidos e sentimentos são ativados com a prática. Sugiram para cada estudante, de forma individual, faça o registro em um diário. Assim, quem sabe, seja possível discutir sobre as singularidades de cada um.

A partir dessa atividade, proponham uma saída de campo e visitem o centro histórico de Florianópolis, principalmente o Mercado Público e o Largo da Alfândega. Façam uma caminhada com o grupo pelas ruas laterais do prédio.

Como é possível descrever o Mercado Público atualmente? Quais barulhos e cheiros são detectados? O cenário é diferente da pintura do artista Martinho de Haro? Incentivem o grupo a criar uma pequena publicação a partir das perguntas abaixo. Cada um precisa responder a todas, utilizando a linguagem pictórica que se sentir mais à vontade:

- 1. Observem a natureza nessa região. Conseguem identificar árvores próximas? O que é possível encontrar no entorno?**
- 2. Fotografem com o celular o elemento que mais caracteriza o local, como uma loja, um detalhe arquitetônico ou uma placa;**
- 3. Façam um mapa mostrando o trajeto da sua casa até o Mercado Público. Insiram dados como o tempo que levam, qual linha de ônibus pegam, quantos semáforos há no caminho, quantas pessoas passeiam com cachorro, etc.;**
- 4. Escolham um detalhe do prédio e realizem um registro fotográfico;**

5. Descrevam em um parágrafo a região do Mercado Público.

Após todos esses registros e reflexões no espaço escolar e na cidade, reúnam as experiências dos estudantes sobre as memórias e anotações pessoais. Dividam a turma em grandes grupos, para que cada um se responsabilize por uma parte: seleção do conteúdo, disposição de cada atividade, construção de textos se for necessário, etc. Para facilitar, as atividades devem ser realizadas sempre com o mesmo formato de papel.

Pensando além!

Como sair do campo de observação? Uma possibilidade é ocupar os espaços de forma ativa. Observem as propostas do artista belga Francis Alÿs que trabalha com as paisagens urbanas ou naturais de forma a ocupar seus espaços ao mesmo tempo que os questiona. Por exemplo, Alÿs realiza uma performance intitulada “Linha Verde” em

Jerusalém/Israel, em 2004, e, em São Paulo, “Linha Azul”, em 1995. Sua ação consiste em demarcar um território a partir de uma caminhada por essas cidades, carregando uma lata de tinta furada. Com esses trabalhos, ele interroga questões relacionadas à política e a questões sociais e espaciais. Reflete sobre a impossibilidade de circulação por alguns territórios, sobre as linhas imaginárias que dividem bairros/cidades/países.

A partir dessas intervenções, outro artista que adota o mesmo procedimento para discutir, principalmente, sobre os aterros litorâneos e a memória marítima perdida com o crescimento urbanístico é o mineiro Piatan Lube. Em 2009, começa um projeto em que circula por várias cidades, uma delas é Florianópolis, onde demarca com uma linha azul o espaço ocupado pelo mar no passado. Até algum tempo atrás, era possível caminhar e ver o desenho demarcatório atravessando todo centro histórico da Ilha.

Para pesquisa:

<https://francisalys.com/>

<https://www.nsctotal.com.br/noticias/artista-mineiro-esta-por-tras-da-pintura-de-faixa-azul-no-centro-de-florianopolis>

<https://piatanlube.wixsite.com/website>



Sem Título, c. 1970

MARTINHO DE HARO

Óleo sobre compensado

37,7 x 49,3 cm

Em uma pintura, com uma composição de frutas sem título, presente na exposição “Mais Humano: Arte no Brasil de 1850-1930”, de autoria do pintor do século 19, Estêvão Silva (1844-1891), observa-se uma marca importante para o gênero no país: a escolha pela flora nativa no Brasil. Diante de uma obra de arte, o observador pode ser tomado por sensações e lembranças distintas e, quanto a esse quesito, Estêvão surpreende quando insere atrás de seus quadros, pedaços de frutas para intensificar a imersão que uma pintura pode proporcionar, como Quirino Campofiorito (1902-1993) escreve em seu livro “Uma História da Pintura Brasileira no Século XIX” (1893).

Martinho de Haro não é diferente. Em um pequeno recorte, ele inova o tema de forma local, traz os elementos da cultura de Florianópolis,

como a pesca, os caranguejos, o jornal e os cestos de vime que carregam forte influência indígena. Martinho pinta uma mesa disposta de forma bem trivial com elementos que poderiam servir no preparo de uma refeição. A partir dessa ideia de composição e montagem de cenas com alimentos e objetos do cotidiano, mostrem a seus estudantes os trabalhos da artista contemporânea Ana Elisa Egreja. Através das técnicas tradicionais de pintura, ela atualiza o gênero de natureza-morta. Ela compõe cenas inusitadas com os mais variados utensílios existentes dentro de uma casa, como vasos, potes de geleia, garrafas de refrigerantes, frutas e sacolas plásticas. O objetivo é provocar um “engano aos olhos” com suas telas realísticas, pelas quais é possível entrar de modo imaginário nos banheiros e salas, e pegar produtos de alimentação dispostos atrás de vidros enclausurados na representação de uma janela.

Voltando ao Martinho de Haro.

Atrás dos peixes e cesta, seria uma janela ou o artista insere um outro quadro? Onde se encontra a mesa? Quais memórias são acionadas diante dessa pintura? O que há de estranho nela?

Peçam a seus estudantes descreverem essa tela, elencando todos os elementos compositivos da cena. À medida que o diálogo avança, criem paralelos com o cotidiano e de pessoas próximas a eles.

Qual a diferença desses alimentos para os que eles consomem? Onde eles compram? Como eles são embalados? Observem o recorte feito por Martinho e imaginem histórias sobre a rotina desta casa e cidade. Quais histórias essa cena sem título poderia contar?

Uma prática comum dos moradores de Florianópolis é frequentar o Mercado Público para comprar o peixe fresquinho embalado no jornal do dia anterior. Com uma cesta, o transeunte passaria na feira e compraria os legumes provenientes das freguesias vizinhas. Tais práticas caracterizam o cotidiano da cidade no passado e vão desaparecendo ou se modificando ao longo dos anos.

Professores, mostrem a seus alunos o documentário “A Cor da Nossa Tela” (2015), produzido pelo cineasta Zeca Nunes Pires para a TV UFSC e disponível gratuitamente no Youtube. Um dos episódios é sobre as obras e processo de criação de Martinho de Haro. Nos depoimentos de pessoas que conviveram com o artista, há o relato de que ele trabalhava simultaneamente em diversas telas e, muitas vezes, no meio de uma pintura, saía de casa com seu carro em direção ao Mercado Público para comprar alguns peixes e caranguejos. Depois, dispunha tudo sobre a mesa do ateliê e iniciava sua produção pictórica.

Proponham desenho de observação de alimentos que seus estudantes possam encontrar em suas casas ou na hora do recreio.

Pode-se pensar, também, em um livro de receitas no qual, cada um, contribua com algo típico de sua cidade ou país. Cozinhar é um ato político, conhecer de onde vem o alimento que chega nas mesas, como são os processos de cultivo, criação e transporte. Para além disso, pode-se dialogar sobre a história da alimentação, como determinados pratos surgiram de acordo com as necessidades de uma comunidade.

Pensando em questões de composição, as *assemblages* são uma prática interessante para se fazer em sala de aula. Como referência para a atividade, olhem os trabalhos do artista romeno Daniel Spoerri que participa da exposição “Cru-Comida, Transformação e Arte”, em 2015, no Centro de Cultura Banco do Brasil (CCBB), em Brasília. Ele cria o conceito *snare-picture*, nada mais que imagem dentro de uma caixa. Para pensar sobre essa proposição, imaginem uma cena com diferentes pratos de comidas, copos e talheres em uma mesa de restaurante. Spoerri cola todos os elementos constituintes

da cena na posição original, sem mudar absolutamente nada, só muda o ponto de vista: a mesa horizontal, torna-se vertical como uma pintura. Às vezes, o artista romeno mapeia, através de um desenho, a localização dos objetos antes de realizar o trabalho final.

Martinho de Haro apresenta uma cena plana ou 2D, como ela seria em 3D? Ou como seria a mesa de recreio desses estudantes? Peça que eles tragam objetos recicláveis para pensarem nessas mesas do entorno deles: uma bandeja de isopor que pode virar um outro elemento, copos de plástico, jornais, etc.

Para pesquisa:

https://www.youtube.com/watch?v=_2OLWaAhHPo

<https://www.premiopia.com/artistas/ana-elisa-egreja>

<https://www.instagram.com/anaelisaegreja>

<https://www.instagram.com/comerhistoria>



Cais da Rua Francisco Tolentino, c. 1943

MARTINHO DE HARO

Óleo sobre tela

78 x 123 cm

Professores, proponham um exercício do olhar para seus estudantes. Peçam que observem as cores que compõem a cena, olhando atentamente as construções e os elementos naturais como céu e mar; comparem as tonalidades dos vasos e dos barcos; examinem com cuidado as velas das embarcações que se erguem e cortam a tela em três partes quase iguais; estabeleçam uma relação de diferença entre a água esverdeada que não reflete o céu plúmbeo e se demorem a olhar para a luz que descortina uma cena característica dessa cidade no passado.

Será possível reconhecer o local pintado por Martinho de Haro sem olhar para o título da obra? Que cidade é essa que surge por entre velas de barcos e cerâmicas amontoadas?

Martinho é um colecionador de lembranças dos casarios, dos costumes e das paisagens da cidade que escolheu morar: Florianópolis que, inevitavelmente, modifica-se com os processos de crescimento e industrialização. A partir de sua obra, consegue-se ainda hoje identificar pontos persistentes do passado em meio a prédios, carros e emaranhados de fios elétricos.

Proponham uma saída de campo pelo centro da cidade com o objetivo de encontrarem, com seus estudantes, essas fachadas arquitetônicas. Será que estão próximas ou distantes do mar? O que hoje está próximo delas? Há muito ou pouco movimento como nessa pintura do artista? O que pode ser encontrado, hoje, nesse espaço?

Professores, mostrem as diferenças de arquiteturas que surgem ao redor dessas construções açorianas, como a *art déco* e o estilo eclético. Com o professor de história,

proponham para os estudantes observarem os arredores e o comércio. Dividam os alunos em grupos e proponham um desenho de observação das fachadas encontradas. Em sala de aula, transformem esses desenhos em um grande painel, utilizando carvão vegetal, um dos materiais adotados.

E olhem, que legal essa referência! No dia 29 de outubro de 2022, o Urban Sketchers, movimento que reúne pessoas com gosto pelo desenho da arquitetura e paisagem, esteve nessa localização para retratar os prédios que são patrimônio histórico de Florianópolis. Bem características da cultura açoriana, essas construções datam do século 18, como aquele grande prédio ocre e os que o rodeiam, configurando uma grande fachada arquitetônica, com paredes coladas umas nas outras.

Quais outros elementos são observados nessa tela? A luz, que corta perpendicularmente a cena, seria a do anoitecer?

Como é a movimentação hoje neste ponto da cidade? Similar ou diferente à da representação?

Essa pintura retrata de um dos principais cais de Florianópolis, conhecido como Cais Frederico Rolla, cartão de entrada para a cidade que até pouco tempo mantinha a economia e o transporte voltados às vias marítimas. Martinho traz diversos elementos de um lugar com costumes tradicionais como a pesca artesanal, o comércio ao redor dos portos e um certo bucolismo nesse recorte. Grande parte das construções presente nesse local, hoje, é tombada, ação que ajuda na conservação da arquitetura, memória e história da cidade.

Peçam para seus estudantes acharem outros prédios considerados patrimônio histórico e qual a sua história. Dialoguem com o professor de história para estabelecer essas relações.

Voltando à tela “Cais da Rua Francisco Tolentino”, o pintor sugere um recorte mais pontual a partir de dois elementos bem característicos da cidade, quase como um *still* de vídeo de uma cena comum no centro, ele congela esse comércio.

Outro elemento da cena é um patrimônio florestal que, na tela, está transmutado em canoa, o tronco da árvore de garapuvu. Característica da flora litorânea brasileira, extremamente comum nas paisagens da cidade, desponta com seu tronco acinzentado e suas flores amarelas, também pintada por Weingartner (1853-1929), na pequena tela “Passarinheiro (Desterro)”, pertencente a Coleção Collaço Paulo.

A árvore garapuvu, tombada em 1992 como símbolo de Florianópolis, está quase extinta pelo seu intensivo uso, principalmente para a confecção de canoas e de embarcações maiores. A técnica artesanal de “esculpir” uma canoa em um único tronco é adotada pelos açorianos a partir da prática dos indígenas da etnia Carijós. Hoje, com o tombamento, são raros os pescadores que continuam a confecção

nesse estilo e, quando acontece, são de materiais guardados há alguns anos.

Outro elemento bem característico do comércio local, de origem açoriana, datada na metade do século 18, são os de utensílios feitos com barro, as famosas cerâmicas utilitárias confeccionadas pelas olarias familiares de São José. Em algumas pinturas de Martinho, observa-se o amontoamento desses objetos. Existem, hoje em dia, algumas escolas de olarias que buscam manter a tradição, sobretudo na Escola de Oleiros, na mesma cidade vizinha.

Hoje não é possível fazer um barco de um tronco só, então que tal, proporem a criação de pequenos barcos de papéis com dobraduras? Confeccionem velas com pedaços de pano e, com seus estudantes, proponham que observem como a embarcação se locomove com o vento. Utilizem para a atividade um recipiente com água e separem a turma em

pequenos grupos. Utilizem um ventilador para sugerir o vento. É um ótimo exercício para fazer com crianças menores de cinco anos.

Outra proposta é realizarem uma aula de cerâmica. Experimentem o material que permite a possibilidade de modelar e criar diversas formas, assim como relevos e detalhes únicos. Para esse processo, busquem referências na sala de aula ou no próprio pátio da escola, pesquisem texturas diferentes, acrescentem elementos da natureza. O trabalho ficará pela metade, pois o processo exige uma queima em forno especial a uma temperatura elevada. As peças, sem esse processo, ficam meio porosas e podem se desfazer com a água, o que possibilita um diálogo interessante entre o desaparecimento do objeto com a transformação da cidade através das obras de Martinho de Haro.

Para pesquisa:

<https://ndmais.com.br/noticias/garapuvu-arvore-simbolo-da-cidade-colore-de-amarelo-as-montanhas-de-florianopolis/>

<https://guiafloripa.com.br/cultura/artesanato/canoa-de-um-pau-so>

<https://nea.ufsc.br/page/8/>

<https://oleirosdesaojose.wordpress.com/2013/11/20/a-historia-da-olaria-em-sao-jose/>

<https://www.instagram.com/arqdesterro>

<https://www.instagram.com/uskflorianopolis>



Ilha do Carvão, 1945-50

MARTINHO DE HARO

Óleo sobre tela

51,5 x 73,8 cm

Comentar Martinho de Haro é também falar sobre o apagamento da cidade que ele tanto retrata, em diferentes ângulos e vistas, seja *in loco*, através de cartões-postais, fotografias ou desenhos. Mesmo quando acrescenta elementos contemporâneos, como novos prédios e postes com fios elétricos, o artista procura aquela cidade intacta de sua memória. Há diversas paisagens emblemáticas da antiga Florianópolis e, com certeza, uma delas é essa pintura intitulada “Ilha do Carvão”, data de 1945-50.

Muitas de suas obras convidam a um olhar calmo e contemplativo, que permite se deter por todos os elementos presentes na tela. Essa não seria diferente com a presença de um ponto de fuga

que se assemelha a um ímã, puxando o olhar e todos os elementos da cena pintada para uma diagonal no canto direito como se não existissem obstáculos. A sensação é de que tudo sumirá, desde os barcos, casas e céu, todos os componentes estão sendo arrastados para aquele espaço vazio.

É possível identificar o local para se ter a vista da cidade? Quais as semelhanças e diferenças do espaço? Aquela construção perdida no mar, seria uma ilha? Ela ainda existe? Será que o pintor estava diante dessa paisagem enquanto pintava?

O artista catarinense retrata um mar cintilante e calmo em contraste com o céu e suas nuvens carregadas e cinzentas. A fumaça sai do navio em cores quase sólidas, mas ainda possíveis de se diluírem e se mesclarem com o ar. Provavelmente, hoje os únicos elementos comuns são a geografia ao fundo que conta com o Morro do Ribeirão

aparecendo em tons azulados, como um cinza colorido, e um pedaço da ponta do bairro José Mendes, representada por um verde mais claro, justamente por ser o ponto mais próximo de Martinho. As embarcações, em cores escuras, com velas abaixadas e meio dispersas na calmaria, se contrapõem aos pequenos barcos artesanais e àqueles feitos de ferro e movidos a carvão. E essa construção meio deslocada, ocupando um ponto central dessa tela, o que seria?

Uma proposta para trabalhar essa pintura é pesquisar sobre esses elementos que aparecem no quadro. Dialoguem com o professor de história sobre esse recorte importante para a cidade, criem pontos entre o passado e o presente, como a presença de um comércio, as mudanças econômicas, a modernização dos navios e, conseqüentemente, as modificações da pesca artesanal para a de grande escala. Sugiram que eles busquem sobre a história dessa construção no meio do mar, sobre o local onde o artista está pintando.

Será que ela aparece em outros quadros de outros pintores catarinenses e estrangeiros?

Sabe-se que essa construção, que lembra um forte, realmente existia a cerca de 500 metros da costa. Lugar de abastecimento de carvão para os navios a vapor nas chegadas e partidas para outras rotas de viagens, a Ilha do Carvão sobrevive até a década de 1970, quando se inicia o processo de aterramento da baía Sul e é “engolida” pela Ilha de Santa Catarina. Algumas pessoas sugerem que ela tenha se tornado a base de um dos pilares da ponte Colombo Salles.

Professores, mostrem o documentário de apenas oito minutos, produzido por Dennis Radünz e Fábio Brüggemann, intitulado “Ilha do Carvão” (2013), que pode ser acessado gratuitamente pelo YouTube. Incentivem seus estudantes a criarem um relato imaginário sobre essa ilha. Assim como no livro “A Invenção de Morel”, de Adolfo Bioy-Casares (1914-

1999), que relata uma dinâmica dentro de uma ilha, descreve a relação do personagem principal com ela e com os outros integrantes, até que o leitor percebe que o narrador está sozinho nesse lugar, interagindo com simulacros de pessoas criadas a partir de uma câmera, o que supõe que seria uma espécie de filme em três ou 4D. Sugiram a seus estudantes a criar um breve histórico sobre as possíveis pessoas que ali viveram, qual seria a flora e fauna encontrada no espaço e como se chegava até ela.

Nesse recorte da cidade, como uma fotografia, Martinho de Haro retrata o final do cais localizado no bairro Rita Maria, onde atracam os navios da Empresa Nacional de Navegação Hoepcke. Observa-se na pintura um processo de modernização com navios grandes movidos a carvão em contraste com os pequenos barcos de pescadores. Essa família, funda ainda, empresas de pregos e bordados, justamente no bairro de uma personagem esquecida pela cidade: Rita Maria, filha de

escravizados, benzedeira, cozinheira e bem quista pelos moradores do entorno. Os cais carregam muitas histórias e personagens que ali passam e vivem. É possível conversar com os professores de história e geografia para irem além das fábricas e barcos de pesca e pesquisar sobre o processo de urbanização e as relações sociais, criando um diálogo com o tempo contemporâneo.

Realizem uma pesquisa imagética, juntem fotografias antigas de Florianópolis e simulem essas localizações unindo o passado e o presente. Para isso, realizem uma saída de campo e fotografem esses espaços. Mostrem para seus estudantes o trabalho da artista Letícia Lampert, “Práticas para Destrinchar a Cidade – Desmontar”, em processo que se iniciou em 2017, no qual ela junta fotografias e recorta alguns prédios, construindo outros com a junção de construções de outros lugares de São Paulo. Outro artista com o qual se pode estabelecer um diálogo, é Abel Rodrigues, indígena

colombiano que retrata as árvores do local onde morava. Muitas delas não existem mais, todo seu trabalho surge da vontade de recordar a própria existência.

Para pesquisa:

<https://www.armazemritamaria.com.br/historia>

<https://ndmais.com.br/noticias/memoria-de-florianopolis-vestigios-da-cidade-portuaria>

<https://www.banheiros.com.br/2021/07/01/rita-maria-a-benedeira-da-vila-do-desterro>

<https://ndmais.com.br/noticias/ilha-do-carvao-a-historia-da-ilha-que-serviu-de-base-para-a-ponte-colombo-salles/>

<https://www.leticialampert.com.br>

<https://www.youtube.com/watch?v=zN6MZytXQxM>

GLOSSÁRIO

1. **Diários de Bordo** são cadernos comumente utilizados em navegação terrestre, marítima ou aérea, no qual se registram os eventos importantes ou as falhas técnicas ao longo do percurso. Ele funciona como uma espécie de controle de navegação da rota a ser percorrida. Nele podem constar anotações sobre as observações de mudanças climáticas, as alterações na geografia do caminho e, em alguns casos, o registro pode conter as sensações.

2. **Urban Sketcher** é uma comunidade global de amantes do desenho, aquarela e pintura que se reúnem para registrar os espaços urbanos e as arquiteturas da cidade.

3. **Oleiros** são os profissionais que trabalham com cerâmica.

4. **Arte in situ** ou **site specific** é um movimento artístico contemporâneo em que a obra ocorre em um lugar específico, seja dentro de um museu ou em um espaço da cidade, a partir de convites ou projetos definidos para tal. São esculturas ou intervenções que dialogam com o lugar escolhido e, que muitas vezes, o que sobra da obra é seu registro através de fotografias ou vídeos.

5. **Performance** é ligada a outros movimentos artísticos, como o Dadaísmo e Futurismo que surgiram na metade do século 20. É uma junção de várias linguagens artísticas como a música, o teatro, a poesia, fotografia e o vídeo. Ela é cuidadosamente elaborada, podendo seguir um roteiro e não necessita de audiência.

6. **Assemblage** ou **assemblagem** termo trazido pelo artista Jean Dubuffet (1901-1985) para definir as obras artísticas realizadas com colagens de objetos tridimensionais. O artista utiliza de vários materiais para construir o trabalho, desde a junção de papéis, tecidos e pedaços de madeira ou tijolos. O movimento busca um rompimento com as barreiras da superfície da pintura que deixam de ser bidimensionais para tridimensionais, dialogando com a escultura também.

7. **Arte** é uma forma de o ser humano expressar suas emoções, sua história e sua cultura através de alguns valores estéticos, como beleza, harmonia, equilíbrio. A arte pode ser representada de diferentes formas, em especial na música, na escultura, na pintura, no cinema, na dança, entre outras. (<https://brasilescola.uol.com.br/artes/arte.htm>)

8. **Cultura** conjunto de hábitos, crenças e conhecimentos de um povo ou um determinado grupo artístico (literário, dramático,

musical, derivado das artes plásticas, etc.) que cultiva, de algum modo, um padrão estético semelhante. (<https://brasilecola.uol.com.br/cultura>)

9. **Patrimônio histórico** são os bens materiais (construções arquitetônicas) e imateriais (saberes populares) preservados através de leis específicas e gerenciados pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), que são considerados importantes para uma cultura e sociedade.

10. **Arquitetura açoriana** característica por ter casas pequenas e alinhadas com as ruas, formando um grande corredor contínuo, com casas geminadas. Em Florianópolis, a pedra, material tradicional usado para as construções, são substituídas por madeira e gordura de baleia para formar a argamassa.

INDIVISÍVEL SUBSTÂNCIA

MARTINHO DE HARO e
FLORIANÓPOLIS

O INSTITUTO

Diretor-presidente

Marcelo Collaço Paulo

Vice-presidente

Jeanine Gondin Paulo

Museóloga

Cristina Maria Dalla Nora

Curadora-chefe

Francine Goudel

Produção de conteúdo e comunicação

Néri Pedroso

Coordenadora do núcleo educativo

Joana Amarante

Estagiária do núcleo educativo

Ana Martins

Serviços gerais

Adriano Lessa

Recepção e atendimento ao público

Júlia Bayer Heidmann

Eduardo Tavares de

Miranda Costa

A EXPOSIÇÃO

Curadoria e textos

Francine Goudel e
Ylmar Corrêa Neto

Coordenação de montagem

Cristina Maria Dalla Nora

Montagem

Flávio Xanxa Brunetto

Material educativo

Joana Amarante
Ana Martins

Revisão e edição dos textos

Néri Pedroso

Material gráfico

Lorena Galeri

Fotografia

Eduardo Marques

O MATERIAL EDUCATIVO

Organização e texto

Joana Amarante
Ana Martins

Projeto gráfico e diagramação

Lorena Galeri
Shayda Cazaubon

Fotografia

Eduardo Marques

Revisão

Néri Pedroso

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Em busca de sentidos: material educativo [livro eletrônico] : Indivisível substância
Martinho de Haro e Florianópolis / organização Joana Amarante, Ana Martins -- 1. ed.
-- Florianópolis, SC : Instituto Collaço Paulo - Centro de Arte e Educação, 2023. PDF

Vários autores .

Bibliografia.

ISBN 978-65-980337-2-9

1. Artes plásticas - Exposições - Catálogos 2. Artes visuais
3. Desenho 4. Haro, Martinho de, 1907-1985 5. Pintura
I. Amarante, Joana. II. Martins, Ana.

23-171589

CDD-730

Índices para catálogo sistemático:

1. Artes plásticas : Exposições : Catálogos 730

Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253

EM BUSCA DE SENTIDOS

MATERIAL EDUCATIVO

INDIVISÍVEL SUBSTÂNCIA

MARTINHO DE HARO e
FLORIANÓPOLIS

Organização

Joana Amarante
Ana Martins

REALIZAÇÃO:



APOIO CULTURAL:

digitro.



PATROCÍNIO:



Projeto patrocinado pela Prefeitura de Florianópolis por meio da Lei Municipal de Incentivo à Cultura (modalidade doação), Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes.

Florianópolis, 2023